MONUMENTO
DO
AGRADECIMENTO,
TRIBUTO DA VENERAÇAM,
OBELISCO FUNERAL DO OBSEQUIO,
RELAÇAM FIEL
DAS REAES EXEQUIAS,
que á defunta Mageſtade
DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR
D. JOAÕ V.
DEDICOU
O DOUTOR MATHIAS
ANTONIO SALGADO
Vigario Collado da Matriz de N. Senhora do Pillar da Villa de S. Joaõ delRey
OFFERECIDA
AO MUITO ALTO, E PODEROSO REY
D. JOSEPH I.
NOSSO SENHOR.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO DA SILVA,
Anno de MDCCLI.
Com todas as licenças neceſſarias.

JCB

SENHOR.

SENDO taõ dilatadas as maõs dos Reys, naõ he muito que

eu neſta diſtancia chegue a beijar a Real maõ de Voſſa Mageſtade. Com eſta preciſa demonſtraçaõ do reſpeito, e da lealdade pertendo, como fiel vaſſallo, manifeſtar o goſto exceſſivo, que me toca pela exaltaçaõ de V. Mageſtade ao Throno. Naõ repare V. Mageſtade que, entre tantos exceſſos da alegria, offereça a Voſſa Mageſtade eſte tributo funeral, que pagou o meu agradecimento ao Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Pay

Au-

Augusto de V. Magestade. Naõ he isto, Senhor, confundir os cyprestes com as palmas, os vivas com os gemidos, as acclamaçoẽs com as exequias; antes he contribuir para a gloria da acclamaçaõ de V. Magestade. Pois q́ mayor annuncio das felicidades, que no Reynado de V. Magestade profetiza o augmento do seu Real Nome, em tudo primeiro, do que vermos que tem hum Pay immortal! Todas as prosperidades, que gozou o Egy-

pto

ptò no governo do ſeu Vice-Rey Joſeph, tiveraõ a ſua aſcendencia nas bençoens do Ceo. No Ceo tem V. Mageſtade quem lhe lançou, e lança a bençaõ, e por iſſo ſe promette Portugal em V. Mageſtade, como primeiro Joſeph, felicidades correſpondentes á que logra em ter a V. Mageſtade por ſeu Soberano. Proſpere Deos a vida de V. Mageſtade, como lhe pedimos, para deſempenho das noſſas eſperanças, e complemento ultimo da

noſ-

nossa gloria. S. Joaõ de El-Rey 14. de Mayo de 1751.

O Vigario de S. Joaõ de ElRey.

Mathias Antonio Salgado.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

CENSURA DO M.R.P.M.Fr.FRANCISCO Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio da Sagrada Ordem dos Prégadores, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

FIel executor das Ordens de Voſſas Illuſtriſſimas vi a Relaçaõ das Exequias, que ao Rey Fideliſſimo dedicou o Doutor Mathias Antonio Salgado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joaõ delRey, Comarca do Rio das Mortes, e com mayor applicaçaõ attendi ás duas Oraçoens Funebres, que a eſſe objecto recitou o meſmo Reverendo Vigario.

Para expôr a Voſſas Illuſtriſſimas o conceito, que fiz deſte papel, baſta ſignificar o que há muito formey deſte Author. He eſte, que o Doutor Mathias Antonio Salgado foy hum dos mais egregios Oradores, que talvez com vantagens a muitos, que appareceraõ nos roſtos da famoſa Roma, ſubiraõ aos pulpitos da noſſa Luſitania, ſoando ainda hoje em cada dia feſtivo os doces eccos da ſua eloquencia

nas abobedas dos mais famosos Templos desta Corte, que se honraraõ com a sua presença. E se este he o mesmo Author destas Oraçoens Funebres; quem duvîda que nellas se admira a mesma elegancia do seu grave, serio, e magistral estylo?

Dittoso Orador sempre igual ou para festivos, ou para funebres dezempenhos, mostrando em toda a occasiaõ a mesma harmonia nas vozes, melhor que a cythara de Eumenides variando os tons, e mudando as letras.

Naõ merecia menor Orador a heroicidade do Fidelissimo Monarcha, que occupou a penna de escriptor taõ insigne, que soube reduzir aos limites de dous panegyricos as acçoens, que naõ caberiaõ em grandes volumes, explicando com a figura de huma nova reticencia, o que outros naõ poderiaõ publicar com a multidaõ de pleonasmos, com que se occupariaõ innumeraveis paginas,

Em fim, dignissimo he todo este papel de sahir á luz publica, muito mais naõ contendo cousa contra a Fé, ou bons costumes. Assim o julgo. Vossas Illustrissimas mandaráõ o que forem servidos. Convento de S. Domingos de Lisboa 15. de Setembro de 1751.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

Vif-

VIsta a informaçaõ; pódem-se imprimir a Relaçaõ; e Sermoens, que se apresentaõ; e depois voltaráõ conferidos para se dar licença que corraõ; sem a qual naõ correraõ. Lisboa 16. de Setembro de 1751.

Fr. Rodrigo de Alancastre. Silva.

Do Ordinario.

CENSURA DO M.R.P.M.Fr.FRANCISCO Augusto da Ordem de N. Senhora do Carmo &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

VI a Relaçaõ das Exequias, que á Magestade do Rey Fidelissimo dedicou o Reverendo Doutor Mathias Antonio Salgado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joaõ delRey, Comarca do Rio das Mortes, e juntamente os dous Sermoens, que com a mesma Relaçaõ pertende imprimir, e me parecem dignos da licença, que pede; porque nelles, nem tampouco

na

na Relaçaõ ſe acha palavra, que repugne aos dogmas da Fé, ou pureza dos coſtumes. Carmo de Lisboa 1. de Outubro de 1751.

Fr. Franciſco Auguſto.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir a Relaçaõ, e Sermoens, de que trata a petiçaõ, e depois de impreſſo torne para ſe dar licença para correr. Lisboa 3. de Outubro de 1751.

D. Jozé A. de Lacedemonia.

CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO Alfaya da Sagrada Companhia de JESUS, &c.

SENHOR.

LI por ordem de V. Mageſtade eſta Relaçaõ, e os dous Sermoens, em que, como em Pólos ſe revolveo a grande esfera do engenhoſo Doutor, o Reverendo Mathias Antonio Salgado, e me parece que nunca a Frota do Rio veyo taõ importante, como quando nos trouxe eſte precioſo papel, em cuja comparaçaõ perde os quilates to-

do

do o ouro; que nos coſtuma vir daquelle novo mundo: *Omne aurum in comparatione illius arena eſt.* Sap. 7. v. 8.
Eſtá Obra ſingular, e por todos os lados taõ perfeita, que naõ he facil de rezolver, ſe ſobre-ſahe mais neſta Obra a materia, com que para ella concorreo o Fideliſſimo, e Auguſtiſſimo Rey, o Senhor D. Joaõ o V., ou a fórma, que lhe deo eſte famoſo Orador; porque ſe as acçoens daquelle grande Monarcha nos ſuſpendem por raras, e em gráo ſuperlativo heroicas, tambem o eſtylo deſte celebrado engenho nos eleva, por ſe achar nelle ſingularmente unido o mais natural, e eſpontaneo com o mais perſpicaz, e profundo. Aſſim o moſtraõ os ſeus conceitos os mais profundos, as ſuas reflexoens as mais agudas, e as ſuas palavras as mais proprias. Com ellas retratou taõ vivamente ao noſſo Fideliſſimo, e Auguſtiſſimo Rey, que quem tomar nas maõs eſtes Sermoens ſe achará com hum fiel retrato, em que contemple todas as prendas, com que a natureza o aperfeiçoou, e todos os dotes, com que a graça o enriqueceo. Por iſſo me parece eſta obra muito digna do Real agrado de V. Mageſtade, e de ſe dar ao prélo para gloria ſingular do noſſo reyno; pois quando eſte naõ tiveſſe cultivado outros engenhos mais que o do Author, eſte ſó baſtaria para credito immortal da naçaõ Portugueza; aſſim como baſtou para credito do Egypto hum ſó Antonio: *Quod ſi nullum alium protuliſſet Ægyptus, ſatis erat Antonius*, eſcreveo S. Jeronymo. Eſte o meu parecer. V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. Lisboa Collegio de S. Antaõ da Companhia de JESUS 6. de Outubro de 1751.

Pedro Alfaya,

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo naõ correrá. Liſboa 7. de Outubro de 1751.

Attaide. Almeida. Mouraõ.

RE-

RELAÇAM FIEL
DAS REAES EXEQUIAS
da defunta Mageſtade
DO
FIDELISSIMO,
E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR
D. JOAÕ V.

QUANDO eſtas Minas, ſempre leaes aos ſeus Monarchas, eſperavaõ ancioſas a dezejada melhoria da rebelde queixa, que ha tantos annos padecia a Mageſtade Fideliſſima do ſeu Auguſtiſſimo, e Sereniſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., trocada a eſperança em magoa, o dezejo em tormento, a gloria em triſteza, e a galla em luto, pela Bahia de todos os Santos chegou a vaga, e triſte noticia (ainda que ao principio ſó como ruím acre-

ditada) de ſer fallecido para o mundo eſte Poderozo Monarcha Luſitano , de todos os ſeus Reys exemplar incomparavel.

O pouco ſeguro allivio, que eſta noticia, ainda por duvidoza, aos povos communicava, ſe deſvaneceo com as ordens, e expreſſos, que o Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo Gomes Freyre de Andrada, Governador, e Capitaõ General deſtas Minas, mandou da Cidade do Rio de Janeiro para todas as ſuas Comarcas, Villas, e Camaras, para que, aſſim como na vida de tal Rey tinhaõ ſido participantes de ſeus beneficios, foſſem na ſua morte com publicas, e particulares, internas, e exteriores demonſtraçoens do juſto ſentimento, laſtimaveis pregoeiros de tanta perda.

Aos 25. de Dezembro do anno paſſado de 1750. chegou a eſta Villa de S. Joaõ de El Rey, Comarca do Rio das Mortes, a certeza de taõ infauſta noticia; e he de crer que, ſendo na lealdade, e no nome eſta Villa taõ particular da Mageſtade defunta, havia forçozamente de ſer tambem entre todas a mais eſpecial no ſentimento.

Naõ houve em todo eſte povo creatura; que, tendo o Racional por differença, naõ fizeſſe neſte lamentavel eſtrago mais apreço do ſenſitivo; morador, que naõ moſtraſſe no pranto a magoa de ſeu ferido coraçaõ: e ainda na multidaõ dos eſcravos pouco intelligentes da publica utilidade, e que naõ ſabem pezar a ruina do Ceptro na balança do entendimento, ſe naõ via algum, que no enlutado ſemblante, ſem mudar de cor, naõ foſſe muda eſtatua da pena, e da magoa immovel eſtafermo.

A Igre-

A Igreja ſentia a falta de hum Monarcha taõ liberalmente piedozo para o Culto Divino; os Ecclesiaſticos moſtravaõ-ſe ſentidos na perda de hum Soberano, que, ſem dezar da Mageſtade, tanto os reſpeitava; os vaſſallos choravaõ a morte do ſeu Rey, que taõ pacificamente os conſervou; os Politicos lamentavaõ, que morreſſe hum Principe taõ perfeito; a quem, eſquecidos do Senhor D. Joaõ o II. no nome, dezejavaõ immortal na duraçaõ; e o povo finalmente clamava inconſolavel que perdera, naõ hum Rey, mas hum Pay, de quem, ſendo vaſſallos por ſujeiçaõ, eraõ mais que filhos por amor.

Com eſte univerſal ſentimento, depois de quebrados os Eſcudos nas praças mais publicas da Villa, (antiga ceremonia, que ſe obſerva na morte das Mageſtades Portuguezas) fez a Camara na Igreja Matriz de N. Senhora do Pilar da meſma Villa, aſſiſtindo-lhe o Doutor Corregedor da Comarca Thomaz Roby de Barros Barreto do Rego, com pompozo, e funebre apparato as ſuas Reaes Exequias aos 28. do mez de Dezembro, moſtrando na morte do ſeu Rey o final tributo da vaſſallagem, mas naõ o ultimo para a ſua veneraçaõ, e ſaudade

Quiz o Doutor Mathias Antonio Salgado Vigario collado deſta meſma Igreja Matriz, ou foſſe por obrigaçaõ de divida, ou por agradecimento do beneficio, moſtrar á Fideliſſima Mageſtade defunta do Senhor Rey D. Joaõ o V., que nem a diſtancia o fizera eſquecer dos Reaes favores, nem a morte o havia arguir de deſagradecido á memoria de hum Monarcha, que tanto em ſua vida o favorecera; e determinou, no modo poſſivel, pagar-lhe em bem da alma o

bem; que lhe havia feito na aprezentaçaõ do ſeu Real Padroado deſta Igreja; fineza, que, ainda que experimente a emulaçaõ dos ingratos, naõ chegará a ſentir a criſi da lizonja.

Seſſenta dias ſe dilatou a funebre, e magoada; mas amante demonſtraçaõ deſte fiel, e fervorozo agradecimento; holocauſto, que, naõ conſentindo pela dor demoras ao dezejo, precizou, a eſtimulos do deſvélo, deſta tardança, para proporcionada execuçaõ da idéa de hum obeliſco mais ſublíme, que os decantados da antiga Roma, de huma Pyramíde mais elevada, que as maravilhoſas do Egypto, e de hum Regio Mauſoleo mais pompozo; e amante, que aquelle, que ſoube erigir Artimiza para padraõ do amor; e monumento da ſaudade á memoria do ſeu Rey, e defunto marido Mauzeolo.

Era eſta artificioſa fabrica copia da engenhoſa idéa do Sargento mór Antonio de Moraes Sarmento; tinha todo o corpo 40. palmos de alto deſde o ultimo, e ſuperior degráo; 20. de largo, de figura oitavada em forma pyramidal; eſta ſe repartia em quatro corpos parciaes, membros, de que ſe compunha o pompozo, e agigantado compoſto de machina taõ funeſta: os primeiros tres bancos ſe ornavaõ pelas ſuas faces com 12. tarjas de meyo relevado; veſtidas de faſtoens, e mais folhagens de ouro, e prata, que realmente as formozeavaõ, e enriqueciaõ: eraõ os eſcudos deſtas tarjas de morte cor, dentro dos quaes ſe viaõ finamente pintados varios Emblemas, deduzidos de alguns lugares da Sagrada Eſcritura, com ſeus Lemmas, e letras por baixo em fitas de ouro, e prata; o que logo ſe decifrava em elegantes Diſticos;

escritos em pannos prateados, que pendiaõ das mesmas tarjas, e ficavaõ nos córtes dos ditos corpos, que faziaõ o oitavado da figura, ornando-se tudo com varias folhagens douradas de engenhoso, e admiravel artificio.

O quarto; e ultimo banco se adornava de varios gomos, e meyas canas douradas, e prateadas, que com apparatoza architetura, e fórma singular lhe faziaõ distinguir o plinto, corpo, e cornija, tendo sobre esta hum banco, em que assentava huma almõfada de veludo preto agaloado de ouro, rematando em cima esta funebre Pyramide com huma Coroa, e Ceptro de prata, como Real Coroa de taõ magestosa obra:

Sustentava se esta triste, e sublime machina em oito quartoens de altura de 9. palmos de fingido Alabastro com varias folhagens douradas, de cujas volutas prendiaõ fastoens dourados de huns aos outros, que se enlaçavaõ com igualdade por baixo do plinto do primeiro banco; os plintos, em que assentavaõ aquelles quartoens, eraõ de fingido marmore azul: o pavimento desta obra era hum estrado formado na mesma figura oitavada de tres degráos da mesma pedra; cujo plano se via pintado de hum admiravel xadrez azul, e branco; que além da perfeiçaõ fazia sobresahir melhor a elevada fabrica deste magestozo, e tristissimo Obelisco.

Divizavaõ-se os Emblemas nas oito faces principaes dos dous primeiros corpos deste composto; ideados, e applicados todos pelo amor, e engenho do mesmo Mathias Antonio Salgado, que na urna da dor, ou na pyra da saudade queria, na sensivel mor-

te

te de taõ Augusto Monarcha, naõ só mostrar a magôa no dispendio, mas accrescentá la na lembrança das acçoens, e virtudes, com que este Rey Fidelissimo em sua vida tanto se distinguio entre todos os Monarchas de Religiosa Christandade.

Na frente deste corpo, e face principal do primeiro banco se lia em huma bem lançada fita de ouro o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

Scio hominem in Christo . . . raptum hujusmodi usque ad tertium cælum.
2. ad Corinth. 12. v. 2.

Por baixo huma bem pintada Náo de morte cor dentro do escudo de huma das 12. tarjas, surgindo dos abysmos do Oceano, e elevando-se até o mesmo Ceo, em cujo seguro porto parecia querer livrar se das tempestades do mar, e inconstancia das ondas; era a Letra: *E tumulo ad cælum.*

Decifra-se no glorioso tranzito da defunta Magestade Fidelissima, subindo ao seguro porto do Ceo, como christaãmente cremos, do undozo, e inconstante pelago de trabalhos, em que vivia neste mundo, naõ só no insopportavel pezo da Monarchia, como no tormentoso abysmo da dilatada molestia, de que deo a alma ao Creador de tudo, e Rey dos Reys; o que cordialmente mostrava aquelle Salgado engenho em o prateado panno nestas clausulas.

Quæ modo discissis visa est tumularier undis
E tumulo ad cælum sustulit unda Ratem;
E tumulo ad cælum tempestas improba fati

Re-

Regem effert: portum jam ſua puppis habet.

Na face ſuperior do ſegundo banco ſe viaõ ſabiamente applicadas eſtas palavras da melhor Sabedoria, eſcritas tambem em fita de ouro

Spes illius immortalitate plena eſt.
Ad illud Sap. 3. v. 4.

Era o Emblema huma Real Aguia bebendo os rayos do Sol, a cujas luzes ſó aſpirava, com eſte Lemma: *Non eſt mortale, quod optat.*

Bem o explicava a meſma apparada penna; deſcrevendo nos ſeguintes Diſticos o inſaciavel dezejo, com que eſta Imperial Aguia Portugueza, deſprezando a fragilidade do mundo, e ſombras da terra; ſe queria illuſtrar entre as luzes do Divino Sol.

Aſpicis, ut Solem quærit Jovis armiger ales,
Intentisque oculis lumina grata bibit?
Non eſt terrenum: *Non eſt mortale, quod optat*;
In Sole obtutum paſcere ſolus amor.
Nomina non fallunt; Aquila eſt Auguſta *Joannes*,
Atque Aquilam expreſſit, dum parat ire polum.
Non ſibi terra placet: *Non eſt mortale, quod optat*,
Æterno ut paſcat lumina ſole, volat.

Da parte collateral da Epiſtola ſe divizava na face do primeiro corpo em fita de prata o ſeguinte lugar da Eſcritura Sagrada.

Quaſi

Quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.

Ecclesiast. 3. v. 4.

Mostrava-se dentro do escudo da tarja a pintura do Emblema na celebre fabula de ElRey Athlante, quando, para dar descanso ao seu trabalho, largou de seus hombros sobre os de Alcides o pezo de todo o mundo, que nelles sustentava; e era o Epygrafe: *Non deficit alter.*

Quiz com muita propriedade dizer o seu sabio Author, que o nosso defunto Monarcha, incomparavel Athlante, que por tantos annos sustentou o pezo grave da Lusitana Monarchia, querendo por premio de seu trabalho ir descançar na celeste Patria, morrera, largando o pezo do Imperio sobre os Regios hombros de seu Augustissimo Filho, e Successor, o Serenissimo, e Fidelissimo Rey D. Joseph N. S.; que, como verdadeiro Hercules Portuguez, o sustentará por tantos annos, quantos pede o nosso interesse, quantos dezeja o nosso amor, e quantos merece a sua Real Piedade, e Beneficencia: e bem se explica o Emblema nas seguintes clausulas

Fessus Athlas dum liquit onus; *non deficit alter,*
Par sibi, qui similes suppleat orbe vices.
Non aliter, nam fata vocant, dum Lysius Athlas
Deposuit Regni, quod grave gessit, onus;
Viribus Herculeis Princeps *non deficit alter*,
Qui molem Imperij, Rege cadente, ferat.
Funere ne credas totum periisse *Joannem*;

Dum

Dum poſt ſe Sobolem linquit in orbe parem.
Regnat adhuc, vitamque trahit poſt funera ſoſpes;
In Nato regnat, vivit & ille ſuo.

Na face do banco ſuperior do meſmo lado ſe moſtravaõ eſcritas em outra fita de prata eſtas palavras da Sacra Pagina.

Mihi.... mori lucrum.
Philip. 1. v. 21.

Explicava-ſe o Emblema em huma véla, dando, como coſtuma, mayor claridade, e reſplendor de luz ao tempo de apagar-ſe, e quando morre; e era a propriedade da Letra: *In interitu clarior.*

Dando-ſe a entender, que eſte Fideliſſimo Principe, e Rey Soberano, naõ ſó como véla acceza, mas como brilhante tocha da Fé, e da Chriſtandade, tivera em ſua morte mais clara a luz do ſeu Real Entendimento, moſtrando na meſma o mayor reſplendor das ſuas virtudes; aſſim o enſinuava a deſcripçaõ dos verſos ſeguintes, que ideou a eloquencia do varaõ, que votava enternecido eſtes triſtes, e amorozos obſequios, que ſe viaõ lavrados no prateado panno, que pendia da tarja, onde o meſmo Emblema ſe incluia.

Mayorem emittit fax jam moritura nitorem;
Clarior interitu, dum cadit umbra, nitet.
Hæc eſt Luſiadûm Regis morientis imago,
Clarior interitu, quàm fuit ante, manet.

 Na

Na frente, que correſpondia para o Altar mayor, ſe naõ a principal para a curioſidade do concurſo, a primeira pelo termo, que mais directamente venerava, ſe lia na face do corpo inferior deſta funebre maravilha eſte ſagrado Lugar:

Abiit accipere ſibi Regnum.
Luc. 19. v. 12.

Conſiſtia o Emblema, que no eſcudo da tarja ſe divizava, na primoroſa pintura daquelle brilhante Planeta, Rey, e Monarcha dos Aſtros, quando ſepultado em urnas de cryſtal, procura brilhar no Reyno dos Antipodas, deixando entre confuzoens, e triſtezas aquelles, de que ſe aparta, e para quem morre; tinha por Lemma: *Regnum aliud quærit.*

Foy felicidade do Author moſtrar com tanta energia, que o Sol Portuguez da Mageſtade Auguſta do Senhor Rey D. Joaõ o V. no ſeu ſentido occaſo antes quizera deixar o ſeu Reyno de Portugal, a pezar do noſſo ſentimento, pelo Reyno celeſte; onde reynará triunfante, e glorioſo por toda a eternidade entre os habitadores do Empyreo: e iſto he o que inculcaõ as metricas conſonancias, que ſe ſeguem:

Phœbus in occaſu non Regni amittit habenas;
Regnum aliud quærit, dum tumulatur aquis.
Ut Sol occubuit, liquit dum regna, *Joannes*,
Non tamen occubuit funere Regis honor.
Regnum aliud quærit; nullo quod clauditur œvo,
Par meritis ſolùm eſt iſta corona ſuis.

Na

Na face do corpo ſuperior ſe achavaõ eſcritas em fita de ouro eſtas ſagradas letras da Eſcritura.

Sol cognovit occaſum ſuum.
Ex Pſalm. 103. v. 19.

Em eſcudo de rica tarja ſe reprezentava o Emblema na artificioſa pintura da ave Fenix, renaſcendo advertida das meſmas chammas, em que morre pregoeira do ſeu final deſtino; ſendo o ſeu Epygrafe: *Fati ſibi conſcius.*

Dava a entender eſte fiel Panegyriſta das virtudes, e acçoens da Fideliſſima Mageſtade defunta; que antes da ſua morte fora ſabedor da ultima hora da ſua vida, conhecendo o tempo, em que havia de dar a ſua alma ao Creador dos Ceos, e da terra; conceito, que bem explicou na elegancia do metro.

In tumulo Phænix *fati ſibi conſcius* ardet;
Natalemque parat, dum perit igne, diem.
Inſtar Phænicis novit ſua fata JOANNES,
Atque pio, *fati conſcius*, igne flagrat.
Qui ſua prævidit Rex funera doctus amore,
Crede, carens œvo mors ſibi vita fuit.

Pela parte collateral do Evangelho na face do primeiro corpo deſta elevada maquina ſe mettiaõ pelos olhos, e pelo entendimento de todos, os que a contemplavaõ, eſtas ſentencioſas verdades das Divinas Letras.

Pretiosa in conspectu Domini mors eius.
Psalm. 114. v. 5.

Mostrava em vistosa pintura o escudo da tarja aquella decantada Arvore pelos Poetas de hum ramo de ouro, que cortado, logo de novo apparecia com outro similhante na grandeza, e preço, a que se applicava a Letra: *E cæde acquirit pretium.*

Alludia este Emblema á Real, e Preciosa Arvore do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., que, sendo cortada no Outono de seus annos a violencias do cruel golpe da Parca, adquirio no mesmo córte o mayor preço, brotando com mais riquezas; renascendo Arvore de ouro no Paraizo, veyo a servir lhe a morte de instrumento para o premio, que alcança na gloria, como aquella moralmente nos prognostica; parece, que assim o quiz dizer aquelle douto Orador, e Poeta:

E cæde acquirit pretium, dum cæditur, arbor
Aurea, sub ferro læsa refundit opes.
Funeris hæc Regis pretium late explicat arbor,
Nam pretium acquirit, dum modo cæde cadit.
Quot virtutis opes felici in funere prodit?
Qui sic occumbit, mors pretiosa sua est.

Finalmente na oitava face do segundo corpo deste lado se representava em fita de prata este texto da Escritura Sagrada.

Vola-

Volabo ; ut requiescam:
Psalm. 54. v. 7.

Naõ podia o Emblema ser mais genuino para o intento, mostrando no escudo de outra similhante tarja huma incendida chamma de fogo, subindo para o Ceo, e buscando por materia os mesmos ares, em que se ateava; tinha por conceito o seguinte Lemma: *Ut requiescat.*

He a sua applicaçaõ, que assim como a chamma do fogo sóbe para cima, querendo fugir da terra, como violento desterro da sua inclinaçaõ, por buscar nos Ceos a sua propria regiaõ; da mesma sorte a luz do entendimento, e a incendida chamma, em que se abrazava o ardente coraçaõ, e Regio peito deste Serenissimo Monarcha no amor de Deos, quiz fugir do desterro deste mundo, buscando no Ceo, a que subio, a patria, para que fora creado, como propria regiaõ, que tinha merecido por suas virtudes: este foy o conceito do Author destes Emblemas, igualmente sentenciosos, que discretos, como se mostrava do prateado panno, e lenço, que pendia da mesma tarja.

Cernis, ut impatiens terras fax ignea linquit?
Cælesti *ut* tantùm sede *quiescat*, abit.
Pectoris ista tui monstrat fax vota, *JOANNES*;
Orbe fugis, cœlo nam Tibi sola quies.

Nas outras quatro tarjas, que serviaõ de ornato ao terceiro corpo desta estupenda, e magestosa ar-

architectura pelas quatro faces principaes do oitavado se liaõ outras tantas inscripçoens, e Lugares da Sagrada Pagina, que applicou a curiosidade á memoria saudoza deste Fidelissimo Principe: Na fronteira á porta principal da Igreja era o seguinte Texto:

Vivit anima tua, Rex?
Reg. lib. 1. 17. v. 55.

Na face collateral da Epistola o seguinte:

Effugisti mortis imperium.
Tob. 2. v. 8.

Na fronteira ao Altar mayor se mostrava este:

Transit à morte in vitam.
Joann. 5. v. 24.

E pela parte do lado do Evangelho se offerecia o seguinte Texto:

Non est viro huic judicium mortis.
Jerem. 26. v. 16.

Entre os quartoens, que serviaõ de Athlantes, sustentando o agigantado corpo desta maquina; igualmente luzida, que horroroza, por baixo do plinto do primeiro corpo se aprezentavaõ tambem no meyo das quatro faces principaes em idioma vulgar quatro Sonetos. lavrados em artificiosas tarjas, que a triste e nunca mais tarda Musa do indigno Escritor desta Relaçaõ Funebre formou em Epitafios na magoa com

a penna

a penna do ſentimento : era o da frente o ſeguinte

SONETO.

AQui jaz, e naõ jaz, ó Luſitanos,
Hum Rey; cujas acçoens daõ larga hiſtoria:
Realmente naõ jaz, ſim na memoria
Dos vaſallos leaes Americanos.
Para ſeu bem, e noſſos dezenganos,
O ſeu Reyno trocou pelo da Gloria;
Por moſtrar que eſta vida he tranzitoria,
E ſaõ tambem mortaes os Reys humanos.
Perdemos, ecclipſada a Mageſtade,
Fino amor, certa paz, firme eſperança;
Hum Pay da patria, o Rey de mais piedade:
Dando-nos, como a filhos, por herança
Eterna ſua vida na ſaudade,
Sua morte perpetua na lembrança.

Na face do lado da Epiſtola ſe lia em outra tarja eſte

SONETO.

CRuel Parca, golpe fero; duro córte!
Como entre labyrinthos, e entre horrores
Te oppoens tyranna aos Regios eſplendores
Trovaõ de lutos, rayo de Mavorte!
Tudo acaba, conſóme tudo a morte,
Pobres vaſallos, Reys, Imperadores,
Baixas choupanas, torres ſuperiores,
Ceptro Regio, elmo duro, eſpada forte.

Naõ

Naõ me admira que a Parca enfurecida
  Tudo consumma, quando a todos chama
  Quem do Quinto JOAM foy homicida.
Mas advirta, que tanto o Povo o acclama,
  Que se póde roubar-lhe a fragil vida,
  Naõ póde escurecer-lhe a regia fama.

Na face fronteira ao Altar mayor se deixava ver o seguinte

SONETO.

Esta funebre maquina, que encobre
  Em Regio Mausoleo a Real Grandeza,
  Dezenganando a humana Natureza,
  He funesta expressaõ do amor mais nobre.
Occulta a Magestade, e se descobre,
  Que a morte, por mais tymbre da inteireza,
  Naõ distingue a humildade da nobreza,
  O Rey, ou o vassallo, o rico, ou o pobre.
Tudo morre, e naõ he, naõ, impiedade,
  Que a mesma natureza he que assegura
  Ser feudo da mortal fragilidade.
Pois nem póde izentar-se á morte dura
  A Regia ostentaçaõ da Magestade
  Nos estragos fataes da sepultura.

E logo pelo lado do Evangelho se ostentava no escudo da ultima tarja o seguinte Epitafio, e

SONETO.

AQui eſtaõ, Portuguezes celebrados,
Do noſſo Rey os Regios eſplendores,
Ou em pyra de luzes exteriores,
Ou em urna de dor depozitados.
Neſta morte os ſuſpiros duplicados
Sejaõ em tanto exceſſo ſuperiores;
Com que do povo os funebres clamores
Correſpondaõ leaes da fama aos brados.
Chore pois eſta America ſentida
De taõ grande Monarcha o eſtrago forte,
A que a pena a conduz, e a dor convida.
Lamente Portugal, publique a Corte
A breve duraçaõ de tanta vida,
O golpe accelerado deſta morte.

Finalmente, eſte aſſombro dos Mauſoleos, eſta maravilha das Pyramides, e eſte funeſto, e incomparavel Obeliſco eſtava com tanto cuſto, e engenho artificioſamente ornado, que, além das riquiſſimas tarjas, e folhagens douradas, e prateadas, em que ſe davaõ a admirar tantos Emblemas, ſagradas Inſcripçoens, e Epitafios, a abundante copia de precioſos galoens de ouro, e prata, de que ſe ornava, fazia encobrir o campo dos veludos, e ſedas pretas, com que ſe veſtia todo eſte architectado compoſto, ſobreſahindo ſó em pequenos claros, que enlutados faziaõ realçar o ornato com diſtinçaõ viſtoſa do artificio.

Nos quatro córtes angulares, com que eſta fa-

fabrica formava a figura oitavada eſtavaõ outros tantos pedeſtaes de dous corpos, fazendo a meſma figura com ſeus reſſaltos, os plintos eraõ de Alabaſtro fingido, os corpos de marmore azul refendidos, as cornijas do meſmo Alabaſtro, e ouro; o ſegundo corpo deſtes pedeſtaes, como fielmente demoſtra o riſco, tinha o plinto azul, o corpo branco, e o capitel Jonico, e dourado, demandando cada pedeſtal de altura 17. palmos até os capiteis.

Sobre o pedeſtal do lado direito fronteiro á porta principal da Igreja ſe via em vulto hum horroroſo Eſqueleto cuberto com manto de Cavalleiro da Ordem de Chriſto, e na maõ direita huma Coroa em ſinal de Mageſtade, tendo em panno branco de ſombras eſtendido na frente pela face do ſeu pedeſtal a ſeguinte inſcripçaõ, parto do entendimento do meſmo erudito Vigario.

Siſte, Viator, & ſiſte lacrymas;
Major jactura eſt,
Quam ut flere poſſis.
Imo
Non lacrymis opus eſt,
Quando
Non Regem parentamus amiſſum,
Sed proſequimur cœlo redditum.
Auguſtiſſimus Rex JOANNES QUINTUS
Nec Regnum amiſit, nec coronam.
Nunc maxime ſupra nos regnat,
cum in cœlo regnat.
Quod coronam adhuc retineat,
Ex eo proditur,
Mittit coronam ſuam ante Thronum.

Na

Na ſace interior do meſmo pedeſtal ſe lia em huma bem lançada tarja a inadvertida reprehenſaõ; com que o mal limado Eſcriptor deſta funebre relaçaõ accuſava a meſma Morte da crueldade do golpe neſte

SONETO.

DEtem; morte cruel, furia tamanha:
Vê que acabas hum Principe perfeito;
Reges o golpe, ignoras o ſujeito,
Que he eſtrago deſſa funebre guadanha.
Ninguem te approvará, antes te eſtranha
Todo o mundo eſſe golpe ſem reſpeito,
Que eſſa acçaõ he curioſa, e ſem preceito,
He rigor, e impiedade, naõ façanha.
Com taõ pouca attençaõ, e deſſa ſorte
Se ultraja huma Coroa eſclarecida,
Se mata hum Rey, tal Rey, taõ ſabio, e forte?
Pois ſabe, monſtro cruel, dura homicida,
Que deſpojo naõ póde ſer da morte,
Quem merece por premio eterna vida.

Sobre o ſegundo pedeſtal do outro lado oppoſto, e tambem fronteiro á porta principal da Igreja, ſe levantava em vulto outro horrivel organizado Eſqueleto cuberto com outro manto da meſma Ordem de Chriſto, fazendo alarde da deſattenta fouce, que empunhava, como inſtrumento duro das ſuas victorias, moſtrando em outro lenço branco extendido pela frente do pedeſtal eſta inſcripçaõ da meſma penna Latina

Ubi eſt, Mors, victoria tua?
Non jacet hìc,
Qui hìc jacet.
Fideliſſimum Regem JOANNEM QUINTUM
Tumulus non capit,
Cui
Anticipato obſequio,
Clientum deſideria
Suis in cordibus
Poſuere monumentum:
Ibi
De Regno immortaliter meritus
Rex Fideliſſimus
Et vitam, & Regnum
Auſpicatur immortale,
Hoc tantum nomine.
Morti obſtrictus;
Quia ſibi abſtulit, quod mortale erat;
Ut totus fieret immortalis.

Na face interior do meſmo pedeſtal ſe eſtendia em bem recortada tarja a deſculpa religioſa, com que a meſma morte áquelle Soneto da queixa pelos meſmos conſoantes reſpondia no ſeguinte

SONETO.

CRuel naõ he minha furia, nem tamanha;
Como cuidas; que o Rey; por mais perfeito;
Por força do deſtino eſtá ſujeito
Aos eſtragos finaes deſta guadanha.

Se

Se o pede a natureza, como eſtranha
O mundo perder eu qualquer reſpeito?
Que quem cumpre de Deos o alto preceito
Obra por ſujeiçaõ, naõ por façanha.
Se o Rey dos Reys mandou cahiſſe a ſorte
de JOAM na cabeça eſclarecida;
Deſte Poderoſo Rey no peito forte;
Naõ ſou cruel, nem ſou delle homicida;
Pois o levo da vida para a morte,
Por levá-lo da morte a melhor vida.

No terceiro pedeſtal do lado da Epiſtola fronteiro ao Altar mayor ſe erguia em vulto outro Eſqueleto, igualmente ornado com o manto da Ordem de Chriſto, ſuſtentando no braço direito a Real Purpura, por baixo da qual ſe lia em outro panno eſta engenhoza inſcripçaõ, obra do Reverendo Doutor Vigario:

Poſt immenſum gloriæ curriculum
Relinquens Regnum Filio,
Regno Pacem,
Orbi deſiderium ſui;
Fideliſſimus Joannes Quintus Portugaliæ Rex,
Hìc in pace quieſcit
Rex Pacificus,
Vixit in Imperio
Annos pené quatuor ſupra quadraginta
Nobis parum, ſibi ſatis, gloriæ nimium.

E finalmente no quarto pedeſtal com outro manto da meſma Ordem ſe elevava o ultimo Eſqueleto

leto da morte, empunhando na maõ direita o Regio Ceptro, dando a entender que o noſſo Fideliſſimo Monarcha, ainda depois de morto, naõ perdera a inſignia da Mageſtade, por eſtar de poſſe de outra Coroa no Reyno do Ceo: e em outro ſimilhante lenço aos mais ſe via na frente do pedeſtal lavrada a prezente inſcripçaõ, feliz parto do meſmo Vigario;

Pone luctus; Portugaliæ Regnum,
Poſt morbum diuturnum,
Fideliſſimus JOANNES QUINTUS Rex tuus
Tandem convaluit.
Quod ſanus ſit
Inde conjice,
Obdormivit in Domino.
Non aliter dormire debuit
Dilectus hic Chriſto *JOANNES*;
Qui ſupra pectus Domini nunc recumbit.
Ibi
Et ſomno, & amori indulgens,
Oculos in terris clauſit,
Ut in cœlo aperiens ſibi reditus
Intueatur
Quæ oculus non vidit.

Ficava toda eſta engenhoza, e riquiſſima obra no meyo de quatro grandes, e bem fabricadas columnas da ordem corinthia com ſeus pedeſtaes de outro fingido alabaſtro, as columnas de marmore azul fingido, cintadas de folhagens de meyo relevado de ouro com capiteis dourados, coroando-ſe com quatro jarroens de 7. palmos de alto todos prateados.

Os

Os trifpalares deftas columnas ferviaõ de gigantes aos arcos, em que fe fufpendia a cupula do pavilhaõ, a qual era da mefma figura oitavada com cimalha, e oito quartellas de ouro, e mais cores, moftrando nas quatro faces principaes da figura as Reaes Quinas Lufitanas.

Era a cûpula, e pavilhaõ, que cobria a grandiofa machina defte Regio Mauzoleo de veludo preto, todo franjado, e agaloado de ouro, e prata com curiofa direcçaõ, rematando-fe por cima com hum dourado floraõ, que coroava o todo defta architetura: fahiaõ defta bem compofta, e rica cûpula quatro cortinas, que, indo apanhar as volutas dos capiteis das columnas, formavaõ quatro arcos de meya volta redonda, fazendo por dentro a figura de barrete com varios floroens, e tarjas de ouro; naõ havendo em toda efta fabrica ornato, que naõ foffe preciofo, materia, que naõ foffe rica, e fórma, que naõ foffe applicada nas obrigaçoens da architetura pela melhor idéa da curiofidade, e invençaõ difcreta do artificio.

Batia efta funebre, e agigantada machina com o floraõ da cûpula no levantado tecto defta Igreja Matriz, que fendo na verdade hum dos mayores templos, que com incrivel defpendio erigio neftas Minas a piedade Portugueza, achava ainda o fentido, e magoado coraçaõ, que á alma da Fideliffima Mageftade do Senhor Rey D. Joaõ o V. offerecia efte facrificio, fer todo o feu dilatado ambito pequeno theatro para reprezentar-lhe o feu amor, e fer tanta altura curta diftancia para hum fincéro agradecimento, que para fer acceito havia de chegar forçozamente da

fuper-

ſuperficie da terra ao interior das eſpheras celeſtes.

E para ſatisfazer de algum modo na execuçaõ, ao que appetecia, e a Igreja lhe negava, quiz que a intenſaõ nas demonſtraçoens do ſentimento ſuppriſſe a extenſa eſphera do ſeu grato dezejo. Fez enlutar todo o eſpaçozo ambito interior deſte ſagrado templo deſde a porta principal até o Altar mayor, moſtrando nos horrores da cor a juſta cauſa do ſentimento: as negras paredes ſe ornavaõ com multiplicados Eſqueletos de inteiros corpos, mortes, oſſadas, e innumeraveis tarjas, em que ſe viaõ lavrados varios Lugares; e Inſcripçoens da Sagrada Eſcritura, Diſticos, e outras muitas variedades de Verſos, e Epitafios, que ideou, e applicou a curioſidade para ſignaes da dor, e tributo da veneraçaõ,

Na porta principal deſte mageſtoſo templo da parte de fóra apparecia logo á primeira viſta hum taõ magnifico, como triſte Portico, cuberto todo de panno preto, ſobre o qual ſe viaõ pintados em lenço dous Eſqueletos de meyo corpo, e com coroas na cabeça; entre os quaes ſe admirava huma excellente tarja com eſta inſcripçaõ da Sagrada Eſcritura.

Exaltas me de portis mortis
Pſalm. 9. 15.

Logo ão entrar da porta da parte direita ſe ſiae m huma tarja eſte Diſtico.

Mortuus eſt: oculis abeuntem ampleċtimur udis,
Atque in perpetuum, Rex, Ave, & uſque Vale.

Na

Na parede do lado da Epiſtola tinha outra tarjeta a ſeguinte Letra da Eſcritura Sagrada:

Ne unquam obdormiam in morte.
Pſalm. 12. v. 5.

Seguia-ſe hum inteiro Eſqueleto pintado, que aos pés tinha outra tarja, com eſte texto:

Nunc ergo vide, ubi ſit haſta Regis?
1. Reg. 26. v, 16.

Do meſmo lado ſe moſtrava mais adiante em outra tarja eſte Diſtico:

Qui bene præteritos ſine labe peregerit annos,
Non horret mortis vulnera dira pati.

Bem no meyo do pulpito ſe lia em huma tarja o fiel dezengano do homem neſte Diſtico:

Vita quid eſt hominis? Ventus; flos; fabula; fœnum.
Aura, cinis; flatus, pulvis, & umbra, nihil.

E ſobre a cupula do meſmo pulpito o ſeguinte lugar da Eſcritura:

Et erat ſapientior cunctis hominibus.
3. Reg. 4. v. 31.

Em cima da porta da Sachriſtia ſe achava hũa bem formada tarja com o Diſtico ſeguinte

Lysia; quid ploras? Regem: Quis luctus? Amarus.
Væ nobis! Regno! Væ, Aurifodina, tibi!

Na outra porta fronteira a esta do lado do Evangelho se divizava em correspondencia este Distico em outra tarja:

Latus ad occasum; nunquam redditurus ad ortum;
Vivo hodie, moriar cras, here natus eram.

No meyo do pulpito do mesmo lado esta Letra Sagrada:

Sum quidem & ego mortalis homo similis omnibus?
Sapient. 7. v. 1.

E sobre a sua cupula o seguinte Distico em hũa curiosa tarja.

Non vixisse diu vita est; at vivere, vita est;
Quid juvat ergo diu vivere, deinde mori?

Pouco mais adiante se seguia em outra igual tarja este Distico:

Hic jacet immiti consumptus morte JOANNES;
Quem cœlo astrifero vivida fama colit.

Mostrava-se logo adiante hum Esqueleto com a sua foice de que cahia huma tarja com a seguinte Letra da Sagrada Pagina:

Mor-

Mortuus eſt autem Rex.
3. Reg. 2. v. 37.

E por baixo do coro na meſma parede ſe lia eſta em outra tarja:

Mors illi ultra non dominabitur.
Ad Rom. 6. v. 9.

E em fim, era tanta a variedade de Poemas, e Inſcripçoens, Diſticos, Epitafios, e Eſqueletos, que ao meſmo tempo, que todo o corpo deſte Templo horrorizava a viſta para os eſtimulos da dor, admirava o vario dos conceitos, e a applicaçaõ dos lugares aos juizos diſcretos, que os attendiaõ.

O Altar mayor, e todos os mais deſta grande Igreja ſe viaõ ſuperiormente encerrados com negras cortinas, e veſtidos com pendentes doceis, e ſitiaes de veludo preto, em que ſómente ſe arvoravaõ os Eſtandartes das Sacroſantas Imagens daquelle Rey dos Reys, que quiz, ſendo immortal, morrer voluntariamente no Lenho Sagrado da Cruz para a redempçaõ dos homens, cujos doceis, e ſitiaes, entre as demonſtraçoens do ſentimento, faziaõ nas muitas franjas, e galoens de ouro, e prata, de que ſe compunhaõ, huma viſta apparatoſa, e enternecida a todos os circunſtantes, de taõ funeſta acçaõ.

Todo eſte funebre apparato foy piedoſa diſpoſiçaõ para aquelle dia, em que o agradecido coraçaõ do Doutor Mathias Antonio Salgado houve de tributar a taõ Auguſto Monarcha por ſacrificio da von-

tade as mais ſolemnes Exequias, que tem viſto até o prezente eſte dilatado continente Americano, aſſim na eſtructura, e cuſto da expoſta machina, como na aſſiſtencia do concurſo, na harmonia da Muſica, na ſolemnidade do acto, no numero dos Sacerdotes, em abundancias de cera, e no diſcreto, e conceituoſo da Oraçaõ.

Nos dous lados da Igreja ſe dividiraõ dous coros de Muſica em outros tantos coretos; em cada hum dos quaes eſtavaõ dous rabecoens, e hum cravo, e quatro vozes, todos tam bem ajuſtados, que cantando todos os Reſponſorios, Verſos, e Liçoens debaixo de rigoroſo compaſſo, era tal a melodia, e conſonancia, que ſe julgava fazerem todos hum concerto, ſem faltar algum ao regulado contraponto da ſua voz.

Da parte collateral da Epiſtola aſſiſtio o Doutor Corregidor deſta Comarca com os Juizes Ordinarios em corpo de Camara com todos os ſeus Senadores, Capitaõ mór da Villa, e mais Nobreza; da parte do Evangelho a Veneravel Ordem Terceira do Patriarcha S. Franciſco, com toda a ſua Meſa, e Irmaõs Profeſſos, e Noviços, ſeguindo-ſe a nobiliſſima Irmandade do Santiſſimo Sacramento, e todas as mais Irmandades, e Confrarias da meſma Igreja Matriz, que para acto taõ ſerio quizeraõ aſſiſtir em corpo de Communidade; e finalmente era taõ innumeravel o concurſo, que ſendo eſpaçozo o corpo deſte ſagrado templo; ſe via naõ menos numero por toda a ſua exterior circunferencia.

Illuminados todos os Altares; e quando ja na urna da dor queria eſte Regio Mauſoleo ſer Pyra de

luzes

luzes, que vomitando incendios de hum amor penalizado, ateados no ſentimento, ſem os poder apagar o pranto, pertendiaõ deſafiar as Eſtrellas do Ceo pelo Sol, que nos roubara; digo, quando ja eſtavaõ accezas as innumeraveis tochas, que circulavaõ o mageſtoſo artefacto deſta funebre Pyramide, ſe deo feliz principio ao ſolemne Officio, que offereceo aquelle grato, e triſte peito pela Alma da defunta Mageſtade do Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V. de ſempre ſaudoza memoria.

Contavaõ-ſe 20. Sacerdotes por cada lado (numero exceſſivo para huma Villa das Minas) aſſiſtindo no meyo deſtes 4. Dignidades com Pluviaes: era Preſidente o meſmo Reverendo Vigario, que o offerecia; e tudo tam bem diſpoſto, que naõ experimentou deſordem: regiaõ o choro dous cantores de ſonoras, e ajuſtadas vozes, havendo dous Thuriferarios, que inceſſantemente eſtavaõ incenſando a urna com ornato, aſſeyo, e gravidade, aos quaes acompanhava hum Sacerdote Sachriſtaõ da Igreja Matriz.

Apenas no ſolemne Officio ſe chegou ao Pſalmo *Laudate*, foy tan a a abundancia, e profuzaõ da cera, que a impulſos da liberalidade do dito Reverendo Vigario repartiraõ por todo o numeroſo auditorio e povo quatro nobres amigos ſeus, que em breve eſpaço diſtribuiraõ mais de quinze arrobas della, naõ ficando em toda a extenſaõ do templo peſſoa de qualquer condiçaõ, a quem naõ ſe offertaſſe véla de libra; ſendo depois de accezas tal a illuminaçaõ, e incendio, que deixavaõ a perder de viſta as eſtrellas do Firmamento.

Principiada a Miſſa, que celebrou o meſmo

Dou-

Doutor Mathias Antonio Salgado, ſe puzeraõ as quatro Dignidades nos quatros pedeſtaes, que ornavaõ nos córtes do oitavado aquelle luctuozo Monumento, onde exiſtiraõ até o fim da funçaõ.

Concluido o ſacrificio, ſubio ao pulpito aquelle incanſavel eſpirito, a quem ſe a fadiga naõ póde cortar lhe os paſſos para o trabalho; foy poderoza a magoa, e era baſtante a cauſa; para lhe embargar as vozes para os ſuſpiros. Entre montes de penas, e entre mares de prantos expôs na dor particular o ſentimento commum: no funebre elogîo das acçoens heroicas, e virtudes do Muito Alto, e Poderozo Rey Fideliſſimo, e Senhor D. Joaõ o V., ſe conciliou affectos ja inclinados para a pena, infundio no auditorio baſtantes fundamentos para o allivio, ou ja foſſe na chriſtaã credulidade, que devemos ter, de que gozará por aquellas o eterno premio da Gloria, ou porque, morrendo glorioſo, nos deixou no Auguſtiſſimo, e Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph N. Senhor, hum ſimilhante Filho, hum fiel Exemplo, hum Subſtituo, e Succeſſor da ſua Coroa, das ſuas acçoens, e das ſuas virtudes.

Manoel Joſeph Correa, e Alvarenga.

SERMAÕ RECITADO

Pelo Vigario de S. Joaõ de ElRey, o Doutor

MATHIAS ANTONIO SALGADO,

Nas Exequias, que fez celebrar ao Fideliſſimo Rey, e Senhor

D. JOAÕ V.

Non recedet memoria ejus, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem; ſapientiam ejus enarrabunt gentes, & laudem ejus enuntiabit Eccleſia. Eccl. 39.

SEGUNDA vez, Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V., defunto para a noſſa ſaudade, vivo, e immortal na noſſa memoria: *Non recedet memoria ejus*, ſegunda vez venho a eſte lugar para offerecer diante deſſa ſombra funebre do voſſo throno os extremos da noſſa dor. A primeira vez ſubi para, em nome deſta Villa, do ſeu nobiliſſimo Senado; de todo eſte povo, vos tributar os affectos mais puros do coraçaõ, com que eſtes fieis vaſſallos deraõ mayor preço á magnificencia dos ſuffragios. Hoje ſubo a impulſos do meu amor, a imperio da minha obriga-

RPJCB

obrigaçaõ, e a empenho da minha divida: Quem, como eu, vos deveo tanto, quando vivo, ja que naõ póde pagar de outro modo, pague ſentindo o que perdeo na voſſa morte. Voſſa he, Senhor, eſta Igreja, a quem como Padroeyro a devo, e quando a Igreja toda ſentida da voſſa perda ſe occupa em perpetuar na memoria dos ſeculos os voſſos louvores; como podia faltar eſta Igreja, que por todos os titulos he tanto voſſa! Ella por mim, e eu em ſeu nome farey, o que faz a Igreja toda; buſcarey o allivio da magoa, que cauſou a voſſa morte, nos louvores auguſtos, e immortaes da voſſa vida: *Laudem eius enuntiabit Eccleſia.*

Bem ſey que alguem condenará como demora culpavel o ſuſpender eu tanto tempo eſte funeral obſequio. Ha perto de ſeſſenta dias que recebemos a noticia infauſta da morte do noſſo ſaudozo Monarcha. E como ſe póde conter tanto tempo, ſem que reſpiraſſe a noſſa magoa, ſem que proromperſe nos exceſſos do ſentimento o noſſo amor! Mas como ſe engana o diſcurſo! Iſto naõ foy conter-ſe a obrigaçaõ e o amor; ſoy dilatar-ſe mais o ſentimento. Démos tempo ao tempo, para dar mais tempo ás lagrimas. Dilatamos eſte publico obſequio, para eſtender a mais dilatada esfera os exceſſos da dor. Settenta dias continuos chorou o Egypto a morte do pay do ſeu grande Vice Rey Joſeph: *Flevit eum Ægyptus ſeptuaginta diebus.* E que muito dilatemos nós por ſeſſenta dias o chorarmos a morte do Pay Soberano do noſſo Auguſtiſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph, dado com tanta providencia a Portugal, como Joſeph ao Egypto: Joſeph o Primeiro para a felicidade de Portu-

Portugal, como foy o primeiro Joſeph para a proſperidade do Egypto. Mas que digo chorar? Eu naõ venho a chorar morto hum Monarcha glorioſo, a quem as palavras do noſſo thema recommendaõ vivo, e immortal: *Non recedet memoria eius, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem.* O Syro verteo: *Non deficiet memoria ejus uſque in ſæculum, & nomen ejus oblivioni non tradetur à generatione in generationem.* Saõ Joaõ eſcreveo que os defuntos, que com huma ditoza morte daõ principio a huma vida bemaventurada, entraõ noCeo acompanhados das ſuas obras: *Opera enim illorum ſequuntur illos.* Sua Mageſtade, que Deos nos levou, entrou no Ceo naõ ſó acompanhado das ſuas obras, mas do ſeu grande nome; das obras como acredoras do premio; do nome, que, incluindo no ſeu ſignificado a graça, lhe ſegurou a poſſe da gloria. Sendo iſto tanto, naõ he o mais; o mais he, que as obras, e o nome, que ſeguiraõ a Sua Mageſtade até o Ceo, com huma ſimilhança de immenſidade tambem ficaraõ comnoſco na terra. Foraõ com elle para lhe negociarem a immortalidade na Patria, ficaraõ comnoſco para o immortalizarem no mundo. Foraõ com elle para o mettere de poſſe da eterna gloria, ficaraõ comnoſco para lhe eſtabelecerem huma gloria, que nunca ha de acabar na memoria dos ſeculos, e na admiraçaõ dos homens: *Non recedet &c.* Sim. Naõ ha de acabar, porque as naçoens do mundo, e a Igreja, repartindo entre ſi os elogîos deſte Monarcha, o faraõ immortal em todas as idades; as naçoens publicando a ſabedoria, com que governou os vaſſallos, a Igreja celebrando a piedade, com que engrandeceo a mageſtade da coroa: *Sapientiam*

eius enarrabunt gentes, & laudem ejus enuntiabit Ecclesia. E ſem advertirmos, temos achado o lenitivo da noſſa dor na perpetuidade da memoria, e na immortalidade do nome do noſſo defunto Monarcha o Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Ouviremos o que dizem as naçoens do mundo, e a Igreja; ouviremos os acertos do ſeu reynado, as maravilhas da ſua piedade; e acabaremos de entender que o Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. he de glorioſa memoria, e immortal, pelo que delle publicaráõ as naçoens, e celebrará a Igreja: *Non recedet &c.*

Nada dezeja tanto a vaidade dos mortaes, como illudir o decreto inalteravel da morte com a vida perduravel da fama, e com a immortalidade do nome. Com eſte penſamento levantáraõ eſtatuas, fabricáraõ colloſſos, erigiraõ templos; enganaraõ-ſe porém os mortaes na eleiçaõ deſtes meyos para o fim da immortalidade, a que aſpiraraõ. Naõ ſaõ as obras alhêas mas as proprias, as que fazem immortaes os homens. Cada hum com as ſuas obras he o artifice da immortalidade do ſeu nome. O homem ficou mortal pela culpa, e pelo merecimento he que recupera a immortalidade, que perdeo. Ninguem ſoube melhor eſta arte que o Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V.: a pezar da morte o reſpeitaõ immortal todas as naçoens; mas a ſua immortalidade he effeito glorioſo da ſabedoria, com que governou: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Naõ ha arte taõ difficultoza como a arte de governar homens, por iſſo nenhuma couſa he taõ neceſſaria aos Reys como a ſabedoria. Bem o conheceo Salamaõ, a quem offerecendo Deos dar-lhe o que dezejaſſe, o que pedio para dezempenhar as obri-

gaçoens

gaçoens de Rey, foy a ſabedoria: *Poſtulaſti tibi ſapientiam*. Até o meſmo Deos em confirmaçaõ deſta verdade, quando nos prometteo a ſeu Filho como Rey, o prometteo como Sabio: *Regnabit Rex, & ſapiens erit*. Eſta ſabedoria, que reſplendeceo no Rey immortal da gloria, he a que fez immortal o nome auguſto do noſſo Rey. Naõ ſou eu o que o digo; ſaõ as naçoens todas: *Sapientiam ejus &c.* Reparem: naõ ſó louvaõ a ſabedoria do ſeu governo, mas a ſua ſabedoria. Nos Reys huma couſa he governarem com acerto, e outra couſa he ſer ſua a ſabedoria, com que governaõ. Houve no mundo outros Monarchas, que dezempenharaõ no governo as maximas da ſabedoria; mas a ſabedoria, que reſplendecia no governo, naõ era ſua, era do vaſſallo, era do conſelheiro, com quem repartiaõ o pezo da Monarchia. Em Babylonia o Rey era Balthazar, mas o ſabio era Daniel. Em Jeruſalem o Rey era David, mas a ſabedoria do conſelho eſtava em Achitofel. Em Egypto o Rey era Faraó, mas a ſabedoria, que felicitava o imperio, toda era de Joſeph. Em Portugal ſe admirou a excepçaõ deſta regra, onde o Rey era taõ ſabio, que os acertos do ſeu governo todos ſe attribuiaõ, naõ á ſabedoria dos vaſſallos, mas á ſua ſabedoria: *Sapientiam ejus*. Elle era o Balthazar, e o Daniel; o David, e o Achitofel; elle era, o que governava como Faraó, e o que ſabia como Joſeph: por iſſo os louvores, que merecia a ſabedoria do ſeu governo, ſem ſe repartirem com os vaſſallos, todos eraõ ſeus: *Sapientiam ejus*. Aſſim como a ſabedoria teve lugar taõ diſtinto no ſeu throno, tambem procurou que dominaſſe no ſeu Reyno: para eſte fim

 inſti-

instituio a Academia Real da Historia, de quem foy Protector, e Mecenas, e será glorioso assumpto. Este mesmo dezejo manifestou nos dous claustros religiosos, que fundou em Mafra, e nas Necessidades, aonde estabeleceo outras tantas casas de sabedoria. Como conhecia que as livrarias saõ as officinas, em que a sabedoria costuma polir os engenhos, e aperfeiçoar os sabios, o seu mayor estudo foy ajuntar Bibliothecas. Para constituir o seu palacio palacio da sabedoria, o ornou de huma Bibliotheca taõ magnifica, como quem a ajuntou. A Mafra, e as Necessidades, que fundou, tambem enriqueceo com livrarias copiosas. Na Universidade de Coimbra mandou fabricar huma Bibliotheca publica taõ magnifica, que em tudo corresponde á grandeza daquelle emporio das letras. Até nos estudantes de S. Antaõ fez Sua Magestade publico o amor, que tinha á sabedoria: para os promover na sciencia lhe introduzio novos estimulos no certame, e lhe fez huma occulta, e suave força com os premios. Consignou rendas para que duas vezes no anno se publicassem composiçoens, destinando se aos vencedores proporcionados premios em todas as classes. Por este meyo vio Sua Magestade o seu Reyno taõ povoado de sabios, que no seu tempo teve a sabedoria em Portugal o seu imperio. A sabedoria para engrandecer a sua gloria dizia por boca de Sabio: *Per me Reges regnant*, que por seu meyo reynavaõ os Soberanos. Em Portugal teve esta divida proporcianada satisfaçaõ: a sabedoria fez reynar o Monarcha, e o Monarcha fez reynar a sabedoria. A sabedoria o pôs no throno, e elle collocou a sabedoria no throno, em que o pôs. Desorte que ao mes-

meſmo tempo que a ſabedoria olhando para todos os Reynos do mundo repete glorioſa : *Per me Reges regnant* ; olhando para o noſſo Reyno , e para o noſſo defunto Monarcha póde confeſſar agradecida : *Per Regem regno.* Mas ſe ella foy taõ exaltada pelo Rey no ſeu Reyno , ella exaltou tanto no mundo ao noſſo Monarcha , que por todas as naçoens he celebrada a ſua ſabedoria : *Sapientiam eius.*

Teve o noſſo Monarcha ſabedoria , mas a ſua ſabedoria teve por credito ſer huma ſabedoria bemaventurada, por ſe applicar ao ſoccorro dos pobres; que eſſa he a ſabedoria bemaventurada na opiniaõ de David: *Beatus , qui intelligit ſuper egenum , & pauperem.* Deos deo ao noſſo Monarcha naõ ſó a ſabedoria , mas as riquezas; podendo repetir o noſſo Soberano : *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa* ; porém elle para ſe dezempenhar com Deos beatificou a ſabedoria , reſtituindo liberalmente a Deos as riquezas que lhe deo , pelas maõs dos pobres. Naõ ha em todo Portugal Communidade Religioſa ; nem houve neceſſidade publica , a quem o noſſo Monarcha naõ ſoccorreſſe com maõ taõ larga , como ſua. Diga o Campo Mayor abrazado com dezaſtre violento. Diga o Lisboa na epidemia , que no ſeu tempo padeceo. Diga o a Provincia de Alen-Tejo na eſterilidade continuada , que experimentou por alguns annos , onde Sua Mageſtade a huns deo o ſoccorro , a outros o remedio , e a todos ſupprio a falta do neceſſario. E que diraõ os mais vaſſallos , a quem Sua Mageſtade ſoccorreo nas mais urgentes neceſſidades ? Naõ he precizo que digaõ mais do que diziaõ as ſuas lagrimas todas as vezes que Sua Mageſtade ſe via em perigo de vida , que foraõ mui-

tas

tas, chorãndo todos a ſua falta, naõ ſó como Rey, ſenaõ como Pay. Aſſim fez o noſſo Monarcha bemaventurada a ſua ſabedoria applicando a ao ſoccorro dos neceſſitados: *Beatus, qui intelligit ſuper egenum & pauperem.* Mas ſe a ſua ſabedoria foy bemaventurada por dar aos neceſſitados o ſoccorro, de que careciaõ, tambem foy bemaventurada por dar aos ſeus vaſſallos o mayor bem. E que bem ſerá eſte? He aquelle, que de continuo pedimos a Deos: *Da pacem Domine in diebus noſtris.* Foy a paz, que Deos nos concedeo por meyo da ſabedoria do noſſo Monarcha. Eſte foy o primeiro cuidado de Sua Mageſtade, apenas occupou o throno, concluir os ajuſtes da paz e conſervá-la. Tudo teve o effeito dezejado; porque eſtipulada a paz com Caſtella, e França, que no principio de ſeu reynado eſtavaõ em campo contra Portugal, a paz, que eſtabeleceo, foy huma paz firme, e perduravel. O Real Profeta David, fallando do reynado de Chriſto ſeu filho, diſſe, faria glorioſo o ſeu imperio com abundancia da paz: *In diebus ejus abundantia pacis.* Eu bem ſey que os Monarchas do mundo aſſim como reprézentaõ a Deos no dominio, que delle recebem, tambem ſaõ huns Deozes pequenos cá da terra, e como taes filhos ſingularmente do Altiſſimo; aſſim o reconheceo o meſmo David: *Ego dixi, dii eſtis, & filii Excelſi omnes.* Porém entre todos os Reys ſe diſtinguio o noſſo Monarcha, como filho do Altiſſimo, que ao ſeu imperio communicou Deos aquella abundancia da paz promettida no imperio de ſeu Filho: *In diebus ejus abundantia pacis.* O doutiſſimo Leblanch, explicando eſta abundancia de paz, eſcreveo: *Pax copioſiſſima, & maxime diuturna.* Huma paz copioſiſſima,

ſiſſima, hũa paz,que ſe eſtende pela ſerie dilatada dos tẽpos. E naõ he eſta a paz, que ſe vio em Portugal no tempo do noſſo Soberano? Toda Europa ardendo em guerra; todas as Monarchias inquietas, e algumas aſſoladas com as levas, com as campanhas, com as batalhas, com os tumultos da guerra; e Portugal logrando a abundancia da paz, que lhe communicava o ſeu Monarcha: *In diebus ejus abundantia pacis.* Huma ſó guerra conſervou o Auguſtiſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V., e foy dentro no ſeu Reyno; era a guerra, que fazia aos crimes, e aos delinquentes: porém como neſta guerra reſplendecia o exercicio da juſtiça, eraõ novos vinculos, com que firmou a paz, que nos dava: *Juſtitia, & pax oſculatæ ſunt.* Bem conheceo Sua Mageſtade a ſympatia, que entre ſi tem eſtas duas virtudes; por iſſo buſcou na paz a adminiſtraçaõ da juſtiça. Eſte foy hum de ſeus mayores cuidados, como o primeiro que devem ter os Monarchas. Eſcolhia para os tribunaes os miniſtros mais incorruptos. Naõ permittia que os grandes, e os poderozos entendeſſem eraõ privilegiados para a obſervancia das leys; taõ attento ſempre ao fiel da balança da juſtiça, que ſe no ſeu tempo fez lembrar o imperio do Filho de Deos pelo attributo da paz, naõ menos o reprezentou na inteireza da juſtiça: *In diebus ejus juſtitia, & abundantia pacis.* Prerogativas taõ ſingulares, que publicadas no mundo pelos eccos da fama, de tal ſorte excitaraõ os aſſombros das naçoens, que todas com acclamaçaõ uniforme engrandecem a ſabedoria do ſeu governo: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Ficando por eſte modo o Fideliſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V. de glorioſa memoria pela

pela immortalidade do ſeu nome : *Non recedet memoria ejus &c.*

Et laudem ejus enuntiabit Eccleſia.

Mal podiaõ faltar os louvores da Igreja a hum Monarcha, que com tanto deſvélo cuidou nos augmentos do Culto Divino, na perfeiçaõ das ceremonias Eccleſiaſticas, e em enriquecer, e levantar altares, e templos ao Rey do Ceo. Mas que louvores diz a Igreja deſte Rey? Diz o meſmo, que eſtaõ dizendo o ouro, a prata, os bronzes, os marmores as pedras precioſas, que Sua Mageſtade offereceo a Deos nos templos com liberalidade Real. Diz que foy hum Rey pio, hum Rey Catholico; hum Rey exemplar do zelo, da Fé, e da Religiaõ: em fim, hum Rey dado ſingularmente por Deos para augmento da divina gloria, e para utilidade da Igreja. Eterno ficara o ſeu nome, e a ſua memoria nos annaes do Vaticano. Alli ſe lerá, para exemplo dos Reys Catholicos, a veneraçaõ, o amor, e o reſpeito, que teve á Igreja, e a ſeus Paſtores. O titulo eſtimabiliſſimo de filho da Igreja he hereditario nos Reys de Portugal, depois que o Padre duas vezes S. Pio V. o deo ao noſſo ſaudozo Rey D. Sebaſtiaõ. Mas o noſſo Monarcha o fez tanto ſeu, como ſe naõ fora herdado, accreſcentando ao nome de Filho o titulo glorioſo de Fideliſſimo com que o ſupremo Paſtor da Igreja engrandeceo a ſua piedade. E na verdade em todas as occaſioens ſe portou ſua Mageſtade como Filho Fideliſſimo da Igreja. Dos filhos, que em Chriſto gerou, dizia S. Paulo que por fieis eraõ a ſua coroa: *Vos eſtis corona mea.*

De

Defte filho Fideliſſimo póde dizer o meſmo a Igreja; que he a ſua Coroa, pois para firmar na cabeça do Paſtor Supremo a Tiara lhe accreſcentou com as forças navaes do ſeu Reyno mais huma Coroa. Ja ſabem quero dizer que, implorando o Summo Pontifice ſoccorro de Sua Mageſtade contra o Turco; que com huma poderoſa armada ameaçava a ultima ruina á Cabeça da Igreja, Sua Mageſtade lhe mandou hum ſoccorro taõ recopilado, que ſendo ſette os navios, de que conſtava a armada Portugueza, ſe lhe fizermos a conta pela arithmetica do valor, acharemos era huma armada compoſta de milhares de vaſos. Aſſim o deve confeſſar o mundo, o qual com inveja, e aſſombro vio que baſtaraõ as Quinas Portuguezas para eclipſar o orgulho infiel da Lua Othomana. Retirou-ſe deſtruida a armada dos Turcos. Ficou a victoria pelos Portuguezes, que tiveraõ a gloria de engrandecer a Tiara da Igreja com mais eſta Coroa. Quando Pedro no Horto queria defender a Chriſto, naõ acceitou Chriſto a defenſa, dizendo que para iſſo tinha no Ceo a milicia dos Anjos: *An neſcis poſſum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi pluſquam duodecim legiones Angelorum?* Vejaõ a gloria dos Portuguezes. A Chriſto querer ſer defendido no Horto, naõ admittiria os Apoſtolos, porque tinha Anjos. Mas para Chriſto, e Pedro ſer defendido no ſeu Vigario, e Succeſſor, naõ ſe vale da milicia dos Anjos, e quer os ſoldados Portuguezes. Ja houve, e foy o principe dos Prégadores, quem interpretaſſe a favor dos Portuguezes, dando a conhecer no mundo por meyo das Conquiſtas o nome de Deos, a profecia de Izaias; *Ite Angeli veloces.* Naõ duvido foraõ

 como

como Anjos na propagaçaõ da Fé os Portuguezes; mas tambem he certo encheraõ as vezes de Anjos, defendendo a Chriſto no ſeu Vigario. O certo he, que Chriſto, no caſo que quizeſſe ſer defendido, havia de pedir ao Pay os Anjos; e o Vigario de Chriſto para ſer defendido dos inimigos de Deos pedio o ſoccorro a eſte Filho Fideliſſimo. Eſta glorioſa acçaõ, com que eſte Filho dezempenhou o titulo de Fideliſſimo, ſuſtentando a Cabeça da Igreja na alteza, que lhe era devida, ſervio tambem de manifeſtar a uniaõ intima do amor, que com ella tinha. O Divino Eſpozo, querendo louvar o peſcoço da Eſpoza, que em figura era a Igreja, ſe valeo da ſimilhança da torre de David, toda guarnecida de eſcudos, e armas: *Turris David collum tuum, mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* Similhante á torre de David o peſcoço da Eſpoza? E com que penſamento? Direy o que entendo. Naõ he o peſcoço na ſymetria do corpo o mais unido a cabeça? Naõ ha duvida. Naquelle formoſo composto da Eſpoza naõ ſe reprezentava a Igreja? Todos o ſabem. Agora notem: A torre de David foy deſtinada para defender a ſantidade do Siaõ figura da Igreja, dos inſultos atrevidos dos Jebuzeos, que eraõ os infieis daquelle tempo. Tudo diſſe o doutiſſimo Gislerio: *Extitiſſe vero turrim hanc maxime ſpectabilem, ut ab expulſis Jebuzeis tutam ſervaret arcem Sion.* Quer pois dizer o Eſpozo, que quem com uniaõ mais intima eſtá unido á Cabeça da Igreja, he quem ſabe dezempenhar a gloria da torre de David; defendendo o Siaõ da Igreja dos aſſaltos dos infieis. Naõ ha duvida que todos os Reys Catholicos ſaõ membros da Igreja, mas quem occupava o lugar do peſ-

pefcoço; como mais unido á cabeça, foy o Filho Fidelissimo da Igreja o Senhor Rey D. Joaõ o V. Nas sette náos, com que socorreo a Igreja, pôs em campo sette movediças Fortalezas, e naquella occasiaõ os Castellos, que cercavaõ as Quinas nas bandeiras de Portugal, eraõ outras tantas torres de David para a defensa da Igreja: mas por isso o nosso Monarcha manifesta mais intima uniaõ com a cabeça da Igreja. Bem sey, que naquelle conflicto tambem se viraõ as armas dos outros Filhos da Igreja, todos valorosos, e alentados: *Et omnis armatura fortium.* Mas quiz a Providencia que elle, affugentando os infieis, que se oppunhaõ á Igreja, assimilhasse a gloria da torre de David triunfando dos Jebuzeos: *Ab expulsis Jebuseis &c.* Para que assim conhecesse o mundo, que este Filho Fidelissimo no corpo mystico da Igreja reprezentava o mysterio do pescoço, por ser o mais unido á Cabeça da mesma Igreja: *Turris David &c.*

Mas deixemos ja de admirar estas acçoens da piedade do Filho Fidelissimo da Igreja, em que se reparte a gloria entre a piedade, e o valor, entre o zelo da religiaõ, e a valentia; e entremos a ouvir aquellas acçoens do nosso Monarcha, que a Igreja publica; todas filhas da sua piedade. A devoçaõ deste grande Rey só póde ter similhança com a sua fé. A recreaçaõ para elle mais gostosa era o vir á tribuna assistir aos Officios Divinos, procurando que em todos se praticassem com exacta perfeiçaõ as ceremonias da Igreja, em que era peritissimo. A sua Patriarchal era todo o seu amor. Alli se achava assistindo na tribuna a todas as horas do coro; taõ pontual nesta assistencia, que nenhum Ministro do Altar, por mais que se

diſtinguiſſe na rezidencia, lhe levava a primazia. O mais he, que nem nos ultimos annos da ſua vida foy baſtante a enfermidade para lhe fazer interromper eſta aſſiſtencia, antes quanto mais ſe via opprimido da enfermidade, entaõ buſcava no Author da vida o allivio. Neſta materia admirei hum ſucceſſo, que, ainda que o naõ poſſo canonizar por milagre, nas ſuas circunſtancias parece excede as forças da natureza. Huma das occaſioens, em que aquelle fatal accidendente aſſaltou a Sua Mageſtade, ſe vio em perigo taõ evidente, que ſe publicaraõ preces em toda Liſboa. No ſegundo dia das preces eſteve Sua Mageſtade tanto ás portas da morte, que ſe valeraõ os Medicos do remedio violento das ſarjas para o livrarem do perigo. No terceiro dia das preces, ao meſmo tempo que toda Lisboa eſtava cuidadoza, e aſſuſtada com o perigo do ſeu Soberano; ao meſmo tempo que a Santa Igreja Patriarchal multiplicava affectuoſas rogativas pelo ſeu Auguſto Fundador, appareceo de repente Sua Mageſtade na tribuna acompanhando as preces, que ſe faziaõ pela ſua enfermidade com acçaõ de graças, que vinha render a Deos pela ſua melhoria. David, aquelle piedozo Rey taõ empenhado no Divino Culto, dizia viera dar ao templo infinitas graças ao author da vida pelo livrar das portas da morte: *Exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes laudationes tuas in portis filiæ Sion.* Vejaõ a differença, que faz David ao noſſo Rey. David primeiro o livra Deos das portas da morte, e depois he que vem ao templo a dar a Deos as graças pelo livrar da enfermidade. O Senhor Rey D. Joaõ o V., ao meſmo tempo que eſtava ás portas da morte, por eſtas meſmas

portas

portas entra no templo para agradecer a Deos a vida. Quando os Miniſtros da Igreja offerecem preces pela ſua enfermidade, aparece no templo a dar as graças pela melhoria. Por eſte modo extraordinario manifeſtou Deos quanto lhe agradava a piedade deſte grande Rey, concedendo-lhe a vida com taõ particular cuidado para lhe continuar os obſequios. Porém eſte meſmo cuidado de Deos me dá fundamento a hum reparo, que entendo ſerá de todos. Reparo em Deos condenar a huma enfermidade taõ prolongada hum Rey piedozo, a quem com taõ declarado empenho concede a vida. Dá mayor força ao meu reparo hum ſucceſſo da Eſcritura. A doença, que na Eſcritura póde ter alguma ſimilhança com a do noſſo ſaudozo Rey, foy a de Ezechias. Enfermou ElRey Ezechias, e enfermou como o noſſo Soberano, porque de ambos foy mortal a enfermidade: *Ægrotavit Ezechias uſque ad mortem.* Hum, e outro conſeguio a ſaude milagroſa por meyo de lagrimas. Ezechias por meyo das muitas, que elle meſmo chorou, o noſſo Monarcha por meyo das lagrimas de ſeus vaſſallos, que com rogativas, prociſſoens, e preces alcançaraõ para o ſeu Rey a ſaude dezejada. Para a melhoria de Ezechias contribuio hum prodigio do relogio de Achaz, que eſtava no palacio, que por eſta maravilha ſe manifeſtou a expreſſa figura de Maria Mãy de Deos. Tudo diſſe Mauricio de Vita Probata: *Maria Horologium, ad cujus decimam lineam reverſus eſt ſol Juſtitiæ.. ut ſanaretur homo.* A melhoria de Sua Mageſtade tambem foy beneficio da Mãy de Deos: pois á Senhora das Neceſſidades, que em Palacio lhe aſſiſtio, reconheceo o noſſo Monarcha dever a vida.

 Entre

Entre tanta ſimilhança acho daparte da melhoria huma grande differença ; porque a Ezechias dilatou Deos a vida por mais quinze annos , ao noſſo Monarcha lhe concedeo a vida pouco mais de oito. Ezechias teve vida , que na realidade foy vida, porque conſeguio ſaude perfeita ; o Senhor Rey D. Joaõ o V. teve tal vida, que mais ſe lhe pode chamar ou enfermidade ſucceſſiva , ou morte prolongada.

Ah Deos , e que occultos ſaõ os voſſos juizos ! Os homens , pondo os olhos neſtes dous Monarchas , os reconhecemos os mais ſimilhantes nas acçoens da piedade , e do zelo. Ezechias deſtruio os Idolos , e
4. Reg. fez guerra aos Idolatras : *Diſſipavit excelſa , contrivit*
28.4.81. *ſtatuas. . ipſe percuſſit Philiſtæos.* E iſto meſmo executou na India o noſſo Monarcha , coroando a Eſtatua de pacifico com os triunfos da Idolatria. Ezechias foy o reparador do Divino culto em Iſrael. Sua Mageſtade o promoveo no ſeu Reyno. Ezechias abrio novamente o templo. O noſſo Monarcha fundou de novo muitas Igrejas. Ezechias cuidou em reſtituir ao templo os Sacerdotes , os Levitas , e os Cantores , purificando com todas as ceremonias a caſa de Deos. O Senhor Rey D. Joaõ o V. ſagrou templos , e altares em grande numero , e na Caſa , que conſagrou a Deos na ſua Patriarchal , lhe offereceo naõ ſó Cantores exquizitos convocados com deſpeza exceſſiva de todo o mundo , mas hum numero extraordinario de Miniſtros taõ condecorados pelos ſeus naſcimentos, pelas ſuas letras , pelas honras , pela dignidade , e taõ abundantes de rendas , que nelles ſe manifeſta bem a grandeza de ſeu Real animo. Ezechias convocou o ſeu povo para celebrar a Paſchoa do Cordeiro com a

ſo-

ſolemnidade dos Azimos: *Miſit nuntios ad populum convocandum, Phaſe celebrans cum Azimorum ſolemnitate.* Eſcreveo o doutiſſimo Merz. Sua Mageſtade procurou tanto o culto do Corpo de Deos, figurado naquella ſolemnidade, que convocou toda a ſua Corte, e as ſuas vizinhanças para formar hum triunfo taõ magnifico, e glorioſo, que foſſe digno da Mageſtade Divina, a quem ſe offerecia, e da humana, que o conſagrava. Finalmente, Ezechias louvava a Deos todos os dias entoando Pſalmos no ſeu ſanto templo: *Pſalmos noſtros cantabimus cunctis diebus vitæ noſtræ in domo Domini.* E Sua Mageſtade naõ ſó aſſiſtia na Caſa de Deos todos os dias, ouvindo os Pſalmos, que em louvor de Deos ſe entoavaõ no coro, ſenaõ que particularmente rezava o Officio Divino todos os dias com raro exemplo de devoçaõ, e piedade. A' viſta deſta ſimilhança, que o Senhor Rey D. Joaõ o V. teve com Ezechias, quem naõ diria que Deos movido das noſſas lagrimas, e da piedade deſte grande Rey, lhe concederia huma vida taõ proſpera, e dilatada por tantos annos como a Ezechias? Mas naõ foy aſſim, como entendemos; porque a vida lhe foy ſó concedida por oito annos, e lhe foy otorgada com a penſaõ de huma enfermidade continua, e diuturna. E com que providencia aſſignaria Deos eſte decreto? Se os abiſmos ineſcrutaveis da Divina ſabedoria ſe podem de longe reverentemente inveſtigar, eu diſſera que aſſim o determinou Deos para fazer dous beneficios. Hum ás Almas ſantas do Purgatorio, outro á alma de Sua Mageſtade, que, como piamente cremos, hoje o goza. Era Sua Mageſtade o mais ſignalado bemfeitor das Almas do Purgatorio;

conce-

concedeo Deos a vida a Sua Mageſtade, e ahi fez beneficio ás Almas do Purgatorio, porque lhes prorogou mais o tempo dos ſuffragios. Deo a Sua Mageſtade huma vida por oito annos, mas penalizada, e niſſo conſiſtio o beneficio da ſua alma. Quiz Deos que ſatisfizeſſe pela pena temporal do Purgatorio correſpondente ás culpas com os ſacrificios quotidianos, que offerecia pelas Almas do Purgatorio, e com o purgatorio, que deſte modo padeceo em oito annos de enfermidade, pudeſſe por meyo de huma morte bemaventurada voar a poſſuir o eterno deſcanſo na viſta de Deos. Parece-me que Salamaõ no livro do Eccleſiaſtico nos deixou myſterioſamente deſcrita eſta felicida-
Eccl. 11. v. 2. de do noſſo glorioſo Rey: *Mitte panem tuum ſuper tranſeuntes aquas, quia poſt tempora multa invenies illum. Da partem ſeptem, necnon & octo: quia ignoras, quid futurum ſit mali ſuper terram.* Lança o teu paõ ſobre as agoas, que paſſaõ, e depois de muito tempo o acharás. Offerece ſette, e tambem oito, porque naõ conheces os males, que eſtaõ para vir ſobre a terra. Póde haver texto mais enigmatico? Porém ſe fizermos reflexaõ na vida do Senhor Rey D. Joaõ o V., nos ſerá facil addivinhar o enigma. Nas letras ſagradas pelas agoas ſe entendem as tribulaçoẽs, por iſſo muitos intrepretes com Alapide explicaraõ por eſtas agoas as penas do Purgatorio, e pelo paõ o paõ ſagrado, e conſagrado, que no ſacrificio da Miſſa
Alap. ibi. ſe offerece em ſuffragio: *Aliqui*, diz Alapide, *Per aquas tranſeuntes intelligunt animas in purgatorio detentas, quaſi hìc pro eis jubeat effundere... ſuffragia.* Eſta he a razaõ, com que nos diz o Eccleſiaſtes, que depois de muitos tempos acharemos eſte paõ, porque

de-

depois do tempo da vida he que principalmente ſe colhe o fructo deſtes ſuffragios. Toda a duvida conſiſte naquelle: *Septem; necnon & octo.* Rabi Salamaõ com outros, allegados por Alapide, pelo ſette entendem os ſette dias da ſemana: *Per ſeptem intelligunt ſeptem dies ſeptimanæ, quaſi dicat, quotidie date eleemoſynam.* Como ſe diſſera: dai eſmóla, offerecei ſuffragios todos os dias da ſemana, que aſſim vos livrareis das penas da outra vida. Aſſim interpreta S. Jeronymo citado por Alapide as ultimas palavras do texto: *Ignoras &c.*, affirmando que aquelles males ameaçados ſaõ as penas da outra vida. Tudo eſtá bem explicado, todo o traballo he explicar o *necnon & octo.* Porém para iſſo naõ neceſſito de outro interprete mais que o meſmo ſucceſſo. Parece que o texto foy talhado para Sua Mageſtade, e por iſſo até aqui ſe naõ achava cabal interpretaçaõ áquelle oito, porque a interpretaçaõ dos oito ſó ſe havia de achar nos oito annos, que Sua Mageſtade padeceo a vida, ou viveo luctando com a morte. O Senhor Rey D. Joaõ o V. ſeguindo o conſelho do Eccleſiaſtes, lançou o ſeu paõ ſobre as agoas, porque offereceo nos ſacrificios o Paõ da Euchariſtia, o qual, pela veneraçaõ, que lhe teve, e pelo culto ſingular, que lhe conſagrou, ficou por antonomazia o ſeu paõ: *Mitte panem tuum &c.* Todos os dias offereceo eſtes ſuffragios para encher o ſignificado myſterioſo no numero 7. recommendado no texto: *Per ſeptem intelligunt &c.* Nos dias dos ſuffragios encheo o ſignificado dos ſette, e nos annos da enfermidade o numero myſterioſo dos oito: *Da partem ſeptem, necnon & octo.* Deſte modo ajuntando o purgatorio de oito annos aos ſuffragios,

que

CA751
S164M

16-077

que offerecia pelas benditas Almas do Purgatorio todos os dias, ſe livrou das penas da outra vida taõ temorozas: *Quia ignoras quid mali futurum ſit ſuper terram.* Toda eſta felicidade lhe conſeguiraõ as acçoens de piedade, que exercitou, e por iſſo a Igreja o engrandece immortal na piedade: *Laudem ejus enuntiabit Eccleſia.*

Vivei pois, Fideliſſimo Senhor, vivei, e reinai; em hum, e outro mundo Rey; em hum, e outro mundo depois da morte immortal. Na terra immortal pelas voſſas acçoens; no Ceo immortal pelo voſſo merecimento. Na terra immortal com a aſſiſtencia, que tiveſtes de Deos no voſſo throno; no Ceo immortal aſſiſtindo ao throno de Deos. Na terra immortal pela ſabedoria, com que governaſtes o voſſo reyno; no Ceo immortal pela ſabedoria, com que adquiriſtes o reyno de Deos. Na terra immortal pela piedade com os homens; no Ceo immortal pela miſericordia de Deos. Na terra immortal como Rey Fideliſſimo, no Ceo immortal como ſervo fiel. Na terra immortal pela paz, em que conſervaſtes o voſſo reyno; no Ceo immortal pela paz, em que deſcançais neſſe reyno bemaventurado, que ja he voſſo.

Requieſcat in pace.